
MEMÓRIAS DA LIDERANÇA: SEVERINO SOMBRA, JEOVAH MOTTA E A LEGIÃO CEARENSE DO TRABALHO

Eduardo Oliveira Parente

Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Email:

ed_parente@yahoo.com.br

MEMÓRIAS DA LIDERANÇA: SEVERINO SOMBRA, JEOVAH MOTTA E A LEGIÃO CEARENSE DO TRABALHO**MEMORIES OF THE LEADERSHIP: SEVERINO SOMBRA, JEOVAH MOTTA AND THE CEARÁ LEGION OF LABOR.**

Eduardo Oliveira Parente

RESUMO

Severino Sombra e Jeovah Motta foram importantes atores políticos no Ceará na década de 1930, liderando, em tempos diferentes, a Legião Cearense do Trabalho, instituição que organizou e mobilizou diversas categorias de trabalhadores. Na década de 1980, ambos concederam entrevistas ao historiador Sebastião Rogério Ponte, que foram utilizadas em várias pesquisas e hoje fazem parte do acervo do Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC) da Universidade Federal do Ceará. No presente texto destacamos a produção acadêmica que fez uso de tais fontes, analisamos o potencial das entrevistas para futuras pesquisas e levantamos algumas questões de ordem teórica e metodológica, envolvendo o uso de fontes orais, especialmente no que se refere à memória, identidade e subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE:

Memória; Liderança; Identidade; Subjetividade.

ABSTRACT

Severino Sombra and Jeovah Motta were important political actors in Ceará in the 1930s, leading, at different times, the Ceará Legion of Labor, an institution that organized and mobilized diverse categories of workers. In the 1980s, both gave interviews to the historian Sebastião Rogério Ponte, which were used in several researches and today are part of the collection of the Nucleus of Cultural Documentation (NUDOC) of the Federal University of Ceará. In the present text, we highlight the academic production that made use of such sources, analyzed the potential of the interviews for future researches and raised some theoretical and methodological questions, involving the use of oral sources, especially with regard to memory, identity and subjectivity.

KEY WORDS:

Memory; Leadership; identity; subjectivity.

INTRODUÇÃO

A História Oral *trata* da subjetividade, memória, discurso e diálogo¹

A Legião Cearense do Trabalho (LCT), formada em 1931, durando até 1937, foi uma organização tradicionalmente identificada como de matriz católica, corporativista, antiliberal e anticomunista, que obteve ampla repercussão no meio social e político local, agregando diversas associações operárias. Durante alguns anos chegou a hegemonizar a liderança e a mobilização dos trabalhadores, ganhando repercussão nacional, e alguns de seus membros alcançaram relativa notoriedade.

Severino Sombra foi o fundador e o primeiro líder da Legião. Natural de Maranguape e de uma família católica, estudou no Colégio Marista, em Fortaleza. Ingressou na Escola Militar do Realengo (Rio de Janeiro) e lá participou das Conferências Vicentinas, se tornando admirador do intelectual católico Jackson de Figueiredo.² Em 1929 contribuiu para o jornal cearense *Folha dos Novos*. Após o movimento de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder, retorna ao Ceará, entrando em contato com grupos católicos locais e organizações de trabalhadores, idealizando a formação da LCT. O movimento cresce de forma rápida e Severino Sombra se projeta no cenário político local e nacional. Em 1932, por ter apoiado o movimento de revolta paulista contra Vargas, é exilado em Portugal, só retornando ao Brasil em 1934, quando disputa a liderança da AIB com Plínio Salgado, não logrando êxito. De volta ao Ceará, não recupera o comando da LCT e funda outro movimento, a Campanha Legionária, sem obter a mesma expressividade que havia conseguido outrora.

Jeovah Motta também era natural do Ceará. Ingressou no Colégio Militar, em Fortaleza, em 1919, no qual permaneceu até 1924, quando sentou praça na Escola Militar do Realengo. Volta ao Ceará em 1929 para servir no 23º Batalhão de Caçadores. Em 1930 conhece Severino Sombra e o Padre Helder Câmara e passa, nos anos seguintes, a fazer parte da LCT, atuando especialmente no chamado Tribunal Legionário de Conciliação e Arbitragem. Em 1932 é eleito como novo chefe da Legião e, pouco depois, adere ao

¹ (PORTELLI, 1997, p. 26)

² Jackson de Figueiredo (1891 – 1928) foi um dos mais destacados nomes da intelectualidade católica brasileira, sendo um dos fundadores da revista *A Ordem* e, com apoio do Cardeal Leme, fundaria o importante *Centro Dom Vital*, considerado o principal núcleo do catolicismo durante anos. Após seu falecimento, o jovem Alceu de Amoroso Lima ocuparia a liderança da revista e do centro.

Integralismo, acumulando a chefia da LCT e da AIB local. Foi eleito Deputado Federal em 1934, sendo apoiado pela Liga Eleitoral Católica (LEC), deixando a liderança legionária na sequência. Em 1937 se afasta da AIB e, nos anos seguintes, adere ao comunismo.

No presente texto selecionamos, para reflexão, as entrevistas feitas pelo historiador Sebastião Rogério Ponte, nos anos 1980, com os generais Severino Sombra e Jeovah Motta. A escolha, logicamente, não foi aleatória. Como fica evidente pelos itinerários sumariamente esboçados acima, são duas trajetórias que se conectam de forma intensa com os movimentos sociais e políticos da década de 1930. Justamente por conta do destaque vivido por Sombra e Motta, ambos foram constantemente requisitados por diversos pesquisadores.³

As entrevistas realizadas pelo historiador Sebastião Rogério Ponte, em 1983, hoje sob a guarda do Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC), foram usadas com relativo destaque por vários cientistas sociais e historiadores, desde as pesquisas pioneiras, nas décadas de 1980 e 1990, até os estudos mais recentes, especialmente pelos interessados em analisar a LCT e a Ação Integralista Brasileira (AIB).

No presente texto analisaremos sucintamente os usos das duas entrevistas pelos pesquisadores, os potenciais desse material para futuras pesquisas, os vieses e as problemáticas que precisam ser considerados ao tratar com esse tipo de fonte, especialmente no que se refere à memória e à sua relação com a história.

AS FONTES ORAIS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA: UMA VISÃO GERAL

A utilização de fontes orais na pesquisa em Ciências Sociais e em História data, no Brasil, dos anos 1970, com notável ampliação nos anos 1980 e, principalmente, 1990. Vários estudiosos levaram a cabo o esforço de localizar e entrevistar pessoas cujas histórias de vida se conectavam, de algum modo, com seus projetos de pesquisa. Como sabemos, se formaram grupos focados na realização de entrevistas, no armazenamento das gravações, na formação de acervos e, claro, na produção materializada em teses, em artigos e em livros que, como matéria principal ou não, fizeram uso das fontes orais e refletiram sobre sua

³ Além das entrevistas concedidas pelos generais Sombra e Motta para Hélió Trindade e Sebastião Rogério, os dois também concederam entrevistas para o CPDOC da FGV e Severino Sombra também concedeu uma outra entrevista para o Arquivo Nirez, que está disponível na internet em duas partes.

Parte um: <<https://www.youtube.com/watch?v=yeyPkgxrOLE>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

Parte dois: <<https://www.youtube.com/watch?v=2XtWlel0Fml>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

importância. Entre os exemplos, nesse sentido, temos o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), ligado à Fundação Getúlio Vargas (FGV), e o Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC), ligado ao Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC). No caso do NUDOC, ainda na década de 1980, foram realizadas diversas entrevistas. Consoante com o destaque vivido na época de temáticas ligadas à história operária e à história política de forma geral, as entrevistas foram realizadas, majoritariamente, com antigas lideranças de movimentos sociais, do campo e das cidades, e com membros da elite local. Esse rico acervo chegou a ser utilizado tanto nas pesquisas desenvolvidas por alguns dos entrevistadores quanto por outros cientistas sociais e historiadores. As entrevistas foram combinadas com outras fontes em todos os estudos.

Nas pesquisas que podemos considerar como pioneiras, a Legião Cearense do Trabalho aparece enquanto tema subsidiário em relação ao Integralismo. É assim, por exemplo, no trabalho clássico de Hélió Trindade (1979), que trata da AIB e reserva um breve espaço para o que seriam os movimentos de direita precursores do Integralismo.⁴ Esse autor chegou a realizar entrevistas com Severino Sombra e Jeovah Motta. Até onde sabemos, teriam sido as primeiras entrevistas cedidas pelos então generais.⁵ Especificamente, no que nos interessa, as entrevistas feitas por Sebastião Rogério Ponte serviram de base para vários estudiosos. Entre as pesquisas desse período e da década seguinte, podemos citar os trabalhos de Josênio Parente (1999)⁶, fruto de sua dissertação de mestrado sobre o Integralismo no Ceará; João Alfredo Montenegro (1986), dedicado às variações na ideologia do sigma; Raimundo Barroso Cordeiro Júnior (1992), com ampla análise sobre a constituição política do ideário da LCT em suas conexões com o catolicismo, o corporativismo e o integralismo; além, claro, de um importante capítulo de Sebastião Ponte (1989) sobre a Legião Cearense do Trabalho. Mais recentemente o tema foi retomado em novas pesquisas. Identificamos, por exemplo, a dissertação de Emília Carnevalli (2006), sobre a atuação política de Severino Sombra; a tese de João Rameres Regis (2008), tratando das práticas políticas do Integralismo nas cidades do interior cearense; o importante capítulo de Willian Mello (2016), em obra que organizou, sobre a LCT, o Integralismo e os trabalhadores; e, principalmente, o capítulo

⁴ De certa maneira, essa tônica seria mantida em outras tantas pesquisas que apresentam a AIB como tema prioritário e a LCT como temática secundária.

⁵ Hélió Trindade doou, em 2016, seu acervo de pesquisa para o Arquivo Edgar Leuenroth, da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Imagino que as entrevistas de Sombra e Motta estejam inclusas nesse conjunto.

⁶ Embora o livro citado seja de 1999, a dissertação de Josênio Parente é de 1984.

escrito por Wendell Guedes da Silva (2016), incluso na obra organizada por Willian Mello, cuja reflexão, apoiada, principalmente, nas entrevistas de Sombra e de Motta, demonstra de forma inequívoca o potencial desse conjunto de fontes.

No geral observamos que, entre os autores citados acima, predomina a utilização das entrevistas “como fornecedoras de informações para a elaboração de teses ou trabalhos de pesquisa, sem que isso envolva qualquer discussão acerca da natureza das fontes ou de seus problemas” (AMADO; FERREIRA, 2006, p. XI). Importante ressaltar os méritos inegáveis de cada pesquisa, todas apresentando resultados estimulantes. Acreditamos, todavia, que um ganho analítico poderia ser obtido, ou uma nova perspectiva poderia ser aberta com a problematização desse material, considerando os aportes sugeridos pela “História Oral”.⁷ Vale destacar que toda fonte precisa ser tratada em suas particularidades, atentando para sua produção e seus vieses.

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM SEVERINO SOMBRA E JEOVAH MOTTA

“Quantas páginas é preciso para alguém contar sua vida?” (LEJEUNE, 1997, p. 116). A instigante questão de Philippe Lejeune poderia ser adaptada, para o que nos interessa, da seguinte forma: “quanto tempo de entrevista é preciso para alguém contar sua vida?” Uma resposta possível seria (re)afirmar a impossibilidade de alguém conseguir dar conta da totalidade da “sua vida”, mesmo com várias entrevistas, com horas e horas de gravação. No entanto, a pergunta pode ser tomada como ponto de partida para outras reflexões. Como nos ensina Paul Thompson (1992), as fontes orais possuem um “valor extraordinário” enquanto “testemunho subjetivo, falado” (p. 138). Sendo a recordação um processo ativo, vários fatores estão envolvidos na atividade de lembrar. Um encontro, uma foto, um som ou um cheiro podem despertar lembranças. Uma pergunta também pode ser um “ativador” para certas memórias. Da mesma forma, o retraimento, a desconfiança em relação ao entrevistador ou perguntas mal colocadas podem provocar um fechamento, consciente ou inconsciente. Precisamos considerar várias questões, teóricas e metodológicas, envolvendo a produção de tais fontes e a temática da construção da identidade.

⁷ Existe um amplo debate quanto à definição de *História Oral* ou se seria mais correto falarmos, simplesmente, de *fontes orais*. Sem pretensão de adentrar no debate, vamos aqui trabalhar com o entendimento de que a *História Oral* “é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2002, p. 18).

Sugiro, para iniciar, que dois aspectos devem ser observados de forma mais detida. Em primeiro lugar, as fontes orais possuem uma característica “singular”: “são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado” (AMADO; FERREIRA, 2006, p. XIV), ou seja, ao utilizar tais entrevistas, especialmente aquelas já “prontas”, devemos observar o papel do pesquisador-entrevistador na produção desse material. Podemos comparar, analisar ou partir de novas problemáticas ao observar o material, podemos ouvir inúmeras vezes as gravações, mas, infelizmente, não temos como propor novas indagações diretamente aos dois entrevistados. Em segundo lugar, ao tratar com a oralidade, “a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas” (AMADO; FERREIRA, 2006, p. XV). Isso implica considerar os mecanismos de lembrar e os interesses do entrevistado ao elaborar uma memória de si. É preciso incorporar na análise como cada um resolveu narrar e articular determinados momentos de sua vida, as palavras escolhidas, as pausas, os silêncios, os temas preferenciais, entre outros.

A entrevista com Severino Sombra é mais longa e a de Jeovah Motta mais sucinta. Em parte, isso se explica pelo maior número de questões e pelo eventual interesse do entrevistador, mas também pela vontade de falar e contar do entrevistado.⁸ Como veremos, na recordação que fazem, os dois tanto convergem em alguns momentos como divergem em tantos outros.

Os períodos da infância e da adolescência aparecem dilatados na narrativa de Severino Sombra. A vida familiar e suas conexões são ressaltadas com vagar. Já no caso de Motta, provavelmente por causa das perguntas iniciais feitas pelo seu interlocutor, tais momentos ficam obscurecidos. Sombra era visto como o criador intelectual do movimento legionário, por isso valeria a pena enveredar de forma mais detida pela sua formação. Motta seria mais um continuador, sem ter desempenhado grande papel na produção ideológica da LCT. Essa era, provavelmente, a visão do entrevistador, mas que também era abraçada pelos entrevistados.

Na fala de Sombra sua formação ganha relevo. Ele trata de destacar que, desde a infância, andava sempre “com livro debaixo do braço”, lendo para membros da família. Sua educação católica e militar é sempre ressaltada, seguidas de frequentes alusões às suas leituras

⁸ Como já destacamos, Severino Sombra participaria de outras entrevistas: ao CPDOC da Fundação Getúlio Vargas e ao Arquivo Nirez, de Fortaleza, o que demonstra ser bastante solicitado e possuir um amplo interesse em narrar episódios de sua vida. Jeovah Motta, além da entrevista para o historiador Sebastião Ponte, também cederia entrevista ao CPDOC da FGV.

e influências. Ele cita com destaque as ideias jacksonianas, os textos de Alberto Torres, Oliveira Vianna e Euclides da Cunha como base para seu pensamento. Uma seara de pesquisa ainda não suficientemente abordada seria cotejar seus escritos e falas da época com essas leituras, o que permitiria identificar aproximações, reelaborações e distanciamentos. O sentido de missão, de alguém destinado, aparece em sua entrevista: “fico às vezes surpreso de iniciativas que eu tomei, de coisas novas que eu criei e que às vezes tão incompreendidas (...) isso me leva a aceitar essa ideia de que cada um de nós traz uma missão, traz algum destino”.

Severino adota uma narrativa francamente voluntarista. Ele argumenta, por exemplo: “eu sempre vivi antecipado, eu sempre vivi além da minha geração, por assim dizer. Pensando em coisas que não estavam ainda sendo pensadas”. Um homem que uniu, segundo sua fala, pensamento e ação como poucos: “as convicções que eu conquistei, aquelas ideias que me apaixonaram, levaram-me à ação”. Na memória de Severino Sombra havia, no início da década de 30, um momento propício. Nas suas palavras era uma época de “ascensão das massas”. É com essa leitura dos acontecimentos que ele se coloca como grande artífice do movimento legionário: “a iniciativa foi minha, foi pessoal”. Temos então um esforço para ressaltar, na narrativa, o seu mérito na idealização, preparação e execução da LCT. Com essa visão dos acontecimentos, a Legião aparece com espaço para construção de um novo campo político no qual ele, Sombra, era o centro irradiador de uma verdadeira “pregação”:

Eu visitava constantemente todas aquelas associações e às vezes, inclusive, reunindo grupos delas e falava durante mais de uma hora, às vezes duas e quem sabe às vezes, cheguei a três horas (...). Havia realmente, houve um trabalho de pregação, um trabalho intelectual preparatório muito grande. Houve da minha parte, eu como que, tudo aquilo que se acumulara no meu espírito, na minha inteligência, ao longo desses anos de formação intelectual, de vivência com os pensadores brasileiros e católicos internacionais. Tudo aquilo, eu como que, fundi e lançava naqueles auditórios imensos que me ouviam atentamente, durante horas. Então ocorreu realmente um fato singular, também é outra singularidade a ser observada. Um fato singular no Brasil: uma preparação intelectual das massas.

Motta, por outro lado, praticamente nada comenta sobre sua vida antes do final dos anos 1920, como já dissemos. Não foi questionado sobre isso e não demonstrou interesse em citar algo desse período. Sua narrativa se inicia, justamente, com os momentos de sua entrada na militância social e política nos anos 1930. Jeovah narra da seguinte maneira sua entrada no legionarismo:

Para mim, a Legião Cearense do Trabalho era uma organização operária informada pelos princípios da renovação católica chefiada por um colega meu de farda e com assistência muito estreita, uma colaboração muito estreita, do padre Helder Câmara,

que a essa época já era meu amigo. E eu só encontrava então motivos para acompanhar com interesse, com simpatia, o movimento de criação da Legião.

Os vínculos de farda e de amizade pessoal, de certa forma, estreitavam os elos entre tais figuras. Pessoas que viviam um tempo conturbado, de indefinição política, de crescimento dos movimentos sociais, e que buscaram na formação católica e tenentista elaborar uma resposta para as questões do seu tempo.

Jeovah Motta, sem negar a relevância da capacidade oratória de Severino, elenca “três ou quatro fatores” que “criaram condições” para a gênese da LCT. Segundo ele

A Legião não se apresentava com um programa de luta de classes, o que facilitava a aproximação de muitos grupos operários. Não tinha um programa extremado, socialmente falando. Em segundo lugar, ela tinha o apoio implícito da Igreja, pois que o Severino Sombra falava em nome do pensamento católico. E o Padre Helder Câmara, com seu vigor e seu realismo, era para a Igreja um sinal de que a Legião, doutrinariamente, estava num bom caminho. Também não descarto a influência positiva do Tenentismo, pois que afinal o Severino era um tenente aos olhos da comunidade cearense.

Na narrativa de Severino Sombra, as ideias de *singularidade* e *originalidade* se repetem constantemente na descrição da estrutura da LCT, como ao confirmar o caráter quase profético de seu idealizador e líder. Exemplo disso aparece na menção ao “Tribunal Legionário de Conciliação e Arbitragem”:

Outra *singularidade* do movimento, outra, vamos dizer, outra iniciativa de *projeção no futuro*; o primeiro, certamente o primeiro órgão desse gênero criado na América do Sul, pelo menos, provavelmente no Norte também, mas digamos pelo menos da América do Sul: O "Tribunal Legionário". Foi o primeiro esboço de justiça trabalhista que nós tivemos na América do Sul. (Grifos nossos)

Ressaltar o caráter visionário do projeto legionário funciona como um reforço das qualidades do seu criador. A escolha das pessoas para participar do comando da LCT, em especial do referido “Tribunal Legionário”, também colabora como uma confirmação das qualidades pessoais do narrador. Entre os nomes citados, ganha destaque o de Waldemar Falcão, professor de direito que se tornaria Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas: “Waldemar Falcão, que veio a ser depois, graças a esse rumo que ele deu na vida de contato com as massas trabalhadoras, enfim de liderar também um movimento trabalhista, veio a ser ministro do trabalho”.

Embora reconhecendo que o movimento de 1930 “preparou o ambiente, como se tivesse passado um trator, fazendo a terraplanagem na vida política brasileira”, palavras duras

são direcionadas por Sombra para o governo Vargas. Segundo sua narrativa, embora o contexto aberto pela “Revolução de 30” tenha criado as condições para sua militância, o governo daí surgido não possuía uma “ideia” ou uma “doutrina” que fundamentasse um projeto de reconstrução nacional. É o que ele chama de “fracasso ideológico da revolução de 30”. Quase tudo que foi realizado acaba sendo avaliado por Sombra como essencialmente falho, sendo, justamente, o oposto do que ele teria criado no Ceará. Nas suas palavras não escapa uma crítica ácida à legislação sindical do governo: “aquela legislação sindical que eu depois vim a combater, estatizante, burocratizante, oligárquica, (...), que transformou realmente os sindicatos em meros penduricalhos do Ministério do Trabalho! Dando origem a essa pelegada que sujou (...) o início do trabalhismo no Brasil”. O privilégio da distância temporal se torna um artifício poderoso: a legislação sindical era falha desde o início e isso, supostamente, já havia sido percebido; seus desdobramentos nefastos já eram visualizados por Sombra desde o nascedouro, conforme faz questão de ressaltar. Até o êxodo rural das décadas seguintes é analisado como um fruto problemático da legislação trabalhista, que ao não ser estendida desde cedo para o campo provocou as ondas migratórias para as cidades. Nesse sentido aproveitou as palavras de Ecléa Bosi:

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha história ‘neutra’. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a. (BOSI, 1994:453)

Importante ressaltar os significados subjetivos dessa memória. Para Sombra, o seu grande momento, por assim dizer, foi o êxito obtido ao elaborar a doutrina e o movimento legionário, com forte potencial de expansão nacional. Seu exílio em 1932 foi como um corte abrupto em tal projeto. Sua trajetória ascendente como grande líder de massas foi não só abalada, mas praticamente inviabilizada daí para frente. O grande responsável, o grande culpado, por assim dizer, foi então Getúlio Vargas. A forte carga crítica, nesse caso, possui boa dose de rancor.

Mas Getúlio não é o único. Palavras até mais ásperas são direcionadas também para Plínio Salgado, líder da Ação Integralista Brasileira. Sombra afirma ter tido contato com Plínio por intermédio de Alceu de Amoroso Lima⁹, com o intuito de iniciar a expansão do

⁹ Alceu de Amoroso Lima assumiu o comando da Revista A Ordem e do Centro Dom Vital após o falecimento de Jackson de Figueiredo, em 1928. Foi, possivelmente, o mais influente dos intelectuais católicos da época,

movimento legionário pelo país. Plínio teria se comprometido na preparação em São Paulo, o que não foi feito. Nas palavras de Severino:

Se realmente Plínio tivesse colaborado leal e efetivamente no lançamento da Legião Brasileira do Trabalho (...) se ele tivesse se estendido por toda a nação, por todo o território nacional, o PTB não teria tido oportunidade mais de surgir. (...) o fato de Plínio não ter realizado o que prometeu, aquilo que ele acertou comigo, não ter colaborado na extensão do movimento trabalhista para todo o Brasil, deixou de criar condições novas para a vida brasileira, para a vida social política brasileira. O Brasil sob muitos aspectos seria outro hoje em dia. Não teria surgido PTB, com todas as suas mazelas, com o seu peleguismo, com o seu empreguismo, com as suas imoralidades, com as suas velhacarias, como o suporte popular comandado pelo ministério do trabalho, para a ditadura, para o “Estado Novo”. (...) Disto, realmente, Plínio Salgado não pode deixar de receber a culpa.

A passagem acima reproduzida é exemplar. Os ressentimentos se misturam e se reforçam. Vargas e tudo o que supostamente lhe cerca (Ministério do Trabalho, peleguismo, PTB etc.) foi viabilizado pela falta de colaboração “leal” de Plínio para com Severino. A promessa não cumprida abriu caminho para um rol de “mazelas”, cuja responsabilidade é, em grande parte, de Plínio Salgado, conforme a narrativa de Sombra.

Alguns ressentimentos também são perceptíveis em relação aos seus antigos companheiros legionários: Helder Câmara, Jeovah Motta e Ubirajara Índio, que durante seu exílio teriam promovido uma aproximação entre a LCT e a AIB:

Eu não podia, jamais, sequer supor que em tão pouco tempo, esses elementos viessem se opor a mim, viessem combater o que eu fizera, viessem se passar com armas e bagagens para um movimento diferente, que Plínio Salgado criara na minha ausência. E você pode, portanto, hoje imaginar o que isto representou para um moço, um idealista de 25 anos, o que isto representou de sofrimento moral, como eu fiquei sucumbido, como eu fiquei profundamente decepcionado, como isto me martirizou profundamente, como isto abriu em mim, em meu coração e em meu sentimento feridas, que levaram muitos anos para serem cicatrizadas.

Como não chega a ser surpreendente, para que essa memória de si ganhe sentido e coerência na narrativa, é preciso que outros elementos sejam relidos ou simplesmente esquecidos. Seu apoio à revolta paulista, o que motivou a imposição do exílio, é mencionado de relance.¹⁰ Ele trata de negar tal apoio, afirmando que pretendia, tão somente, um “movimento pacificador”. Convenientemente seu retorno ao Ceará, em 1934, é totalmente obliterado na narrativa. A criação da Campanha Legionária, movimento similar à LCT, que

sendo conhecido, antes da conversão ao catolicismo, por suas críticas literárias publicadas com o pseudônimo de Tristão de Ataíde.

¹⁰ Raimundo Helio Lopes (2009) analisou o processo de mobilização para a guerra de 1932 no Ceará e, no tópico 1.3, destacou a atuação de Severino Sombra naquele contexto.

poderia colocá-lo de volta na liderança de várias categorias, não obteve sucesso. Severino chega a disputar as eleições e não consegue se eleger. Todos esses episódios são esquecidos, como argumenta Michel Pollak (1989: 10): “o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos”. Na trama da memória, a lembrança e o esquecimento estão sempre presentes. Da mesma forma que existe uma disposição para lembrar, podemos observar uma vontade de esquecer eventos desagradáveis ou que possam por em xeque a imagem construída.

A identificação exata da natureza da LCT se tornou assunto frequente. Motta, por exemplo, de forma crítica, menciona que o uso da blusa mescla nos atos públicos, “pelo menos exteriormente, já indicava um certo namoro com o fascismo”. Sombra recusa estabelecer uma identificação da Legião com o fascismo, posto que, segundo ele, a influência preponderante era a doutrina social da Igreja. Essas diferenças também se mostram salientes no caso da aproximação da LCT com a Ação Integralista Brasileira. Motta, embora tenha sido um dos construtores dessa aproximação, junto com o padre Helder Câmara, se mostra um crítico da AIB. Para Sombra, que na época estava no exílio, essa ligação teria sido um grande equívoco. As diferenças são interessantes. Ambas as falas se situam no contexto da redemocratização dos anos 1980. A saída do regime ditatorial poderia significar, para os dois gerais, um momento delicado. Qual memória se busca preservar ou realçar em tal contexto? A participação em movimentos que poderiam ser considerados de caráter autoritário se torna algo constrangedor. Para Motta, que abraçou o comunismo após abandonar o integralismo, o tom se torna mais crítico, não ao ponto de afirmar que a LCT seria realmente similar ao fascismo em seus fundamentos, mas de perceber *tendências* que poderiam caminhar para uma matriz autoritária. Sombra recusa a assimilação da LCT, apresentada sempre como criação sua, com o fascismo e aponta essa identificação como um problema nas análises acadêmicas.¹¹ Assim, ele também explica seu afastamento em relação à AIB: “uma das coisas que me fez repudiar imediatamente o pensamento do Plínio Salgado, quando ele lançou o integralismo, foi o seu sentido exatamente fascista”.

¹¹ Em certo momento ele assim se expressa: “veja bem o seguinte: é isto que certos autores que têm falado sobre a Legião e Integralismo não se aperceberam e não compreenderam porque, não realmente, não conheciam o que foi à Legião. (...) ouviram, está claro, muito mais fácil de ouvir, em São Paulo, no Rio etc., antigos ex-integralistas, de maneira que deram uma versão realmente deformada do que teria sido a Legião. Eu não os culpo por causa disto, mas foi realmente uma falha e uma falha que permanece”.

Tanto para Sombra quanto para Motta os documentos escritos, especialmente cartas, telegramas e manifestos, possuem um valor de *prova* que viria reforçar sua fala, garantindo a veracidade do que foi dito, legitimando a sua versão dos acontecimentos e, claro, reforçando a autoridade do narrador. Severino chega a mencionar que o seu “arquivo realmente é muito volumoso” e que contava com pequenos auxílios, principalmente familiares, para organizar essa massa documental.¹²

Motta chega a realizar, durante a entrevista, a leitura de uma pequena carta, que ele chama de “resenha”, feita para os netos, na qual narra alguns momentos de sua juventude militante. Tal carta era, para ele, um esforço de explicar “fatos essenciais” de sua trajetória. E aproveita para ressaltar que se muitos documentos não tivessem sido perdidos poderia apresentar mais material ao historiador.

Temos, assim, dois homens com estudo, o que os permite manejar uma linguagem formal, e até elegante, e que possuíam experiência como oradores, o que lhes serve na ocasião das entrevistas. Podemos perceber que são homens preocupados com a memória que ficará para a posteridade. Importante destacar, portanto, que tais depoimentos “possibilitam uma incursão pelo processo de construção de um ator social que ganha vida através dos variados e inúmeros esforços de traçar para si um perfil pelo qual ele próprio se reconhece e se representa” (GOMES, 1988, p. 10).

Essa preocupação é ainda mais pronunciada no caso de Severino Sombra, que chega a constituir um memorial na cidade de Vassouras (RJ). Mais ainda: Severino pode retomar a leitura de seu próprio arquivo, o que auxilia e facilita na identificação de momentos determinados e até mesmo na repetição de palavras e de sentenças que podem ser relacionadas aos textos originais – que poderiam lhe servir como material de consulta, permitindo aperfeiçoar a memória e a fala. Bertonha (2016) menciona a importância de um estudo mais intensivo da documentação disponível no *Memorial Severino Sombra* como um caminho para avançar no conhecimento não só desse personagem, mas também do pensamento conservador e católico na época e das disputas políticas dentro da AIB, por exemplo.

¹² “eu nunca tive enfim, gente disponível para organizar o meu arquivo. Por uma questão de amizade, parentes meus é que de vez em quando trabalhavam, como a minha irmã Dami, que foi quem realmente deu uma organização provisória, sumária, no meu arquivo e disso eu estou me servindo pra lhe fornecer esses documentos, mas ainda há muita coisa que não está organizada, há muita correspondência que ainda eu não pude organizar, preparar e ter à mão para documentação”.

Nunca é demais mencionar que o trato com esse tipo de material, organizado em um fundo privado, requer cuidados. Cartas, diários e outros tipos de anotações particulares despertam a atenção dos historiadores, não só pelo potencial de descoberta de novas fontes, mas como vias possíveis para o universo íntimo e para os bastidores do poder, quando se trata de pessoas que estiveram em posição de destaque, por exemplo, ou como um caminho para acessar as percepções dos “de baixo” sobre eventos normalmente considerados somente pelo olhar dos “de cima”. Logicamente, deve ser evitada uma postura ingênua ante o arquivo privado, como se este contivesse sempre uma autenticidade e uma verdade evidente. (PROCHASSON, 1998). Da imensidão de registros escritos que cercam nossas vidas, somente uma parte é preservada. Se acidentes e acasos não estão excluídos, podendo destruir papeis, fotos e objetos, no geral prevalecem seleções e triagens, o que revela uma “intenção autobiográfica” (ARTIÈRES, 1998, p. 11). Da mesma maneira que a narrativa elaborada na entrevista, o fundo pessoal não está desconectado dos objetivos de seu autor, o que envolve a escolha e a seleção do que será preservado e disponibilizado para o público. O alerta feito por Fábio Bertonha para o arquivo de Plínio Salgado nos parece válido para o caso do *Memorial Severino Sombra*: trata-se, portanto, de “uma tentativa de acertar as contas com o passado e construir a memória com que ele gostaria de ser lembrado” (BERTONHA, 2016, p. 30).

OS TRABALHADORES NA MEMÓRIA DOS LÍDERES

Não parece despropositado afirmar que nas falas de Sombra e Motta também aparecem, embora de forma tímida, um pouco da situação dos trabalhadores. Como atualmente nosso interesse é compreender a vida, a cultura e as formas de organização e de luta das diversas categorias operárias de Fortaleza, vamos observar como os trabalhadores aparecem na recordação dos dois antigos líderes da LCT.

Como já tivemos oportunidade de observar, a perspectiva de Severino Sombra é quase sempre um olhar de cima, focalizando sua própria importância como arauto de uma doutrina e construtor de um movimento social:

Eu debatia, eu pregava a esses jovens, esses operários mais qualificados e a esses estudantes, eu pregava as minhas ideias, pregava, falava sobre um determinado tema, sobre um determinado assunto, debatia com eles. Depois que eles estavam perfeitamente e tinham assimilado bem o meu pensamento, as minhas ideias, o pensamento que eu considerava necessário, não só do ponto de vista da sociologia cristão, como da realidade brasileira, então eu ia levar estes pensamentos a alguns, a algumas associações e cada um deles levaria a outras.

“Eu debatia”, “eu pregava”, “falava”, “meu pensamento”, “minhas ideias”... Fica evidente que, para Sombra, as ideias são sempre de sua lavra e escorrem sempre em uma única direção: de cima para baixo. Aos trabalhadores, cabia simplesmente assimilar tais pensamentos; não seriam eles criadores de ideias próprias, não seriam capazes, supostamente, de produzir algo de forma independente ou de efetuar uma releitura daquilo que ouviam. No olhar de Severino havia “uma unidade de doutrina”, ou seja, o que ele pensava e dizia era exatamente o que os trabalhadores passavam a repetir e a acreditar. A própria LCT seria uma materialização de seu pensamento. Essa é a visão que ele procura firmar, a memória que ele quer estabelecer para os acontecimentos. Na prática, a realidade não era necessariamente assim. Uma perspectiva que ainda não foi suficientemente explorada na historiografia, e que hoje estamos desenvolvendo, é justamente investigar tanto as aproximações quanto as clivagens entre as lideranças e os diversos grupos operários.¹³

Outro ponto curioso aparece na fala de Motta, quando interrogado sobre as indisposições de alguns patrões em relação à LCT, algo perceptível nas páginas no jornal *Legionário*. O entrevistado não demonstra lembrar de tais acontecimentos. Chega a sugerir que, no cotidiano, as ações eram muito mais encaminhadas por outros do que efetivamente pelo líder: “Eu estava muito na cúpula, certo? Muitos fatos não chegavam ao meu conhecimento”. Pelo menos do ponto de vista da memória de Jeovah, o desempenho da liderança parece pouco conectado às múltiplas facetas e às situações vividas no âmbito do legionarismo.

Severino Sombra ao mencionar sobre o operariado organizado diz o seguinte:

Sindicato praticamente não existia ainda. Eram aquelas antigas associações beneficentes (...). E bastou que eu me movimentasse, que eu tomasse a iniciativa depois de conversar com alguns companheiros, tomasse a iniciativa de visitar essas associações de ir lá levar a minha mensagem, a minha iniciativa, o meu ideal, a minha pregação, ela foi acolhida com entusiasmo extraordinário

Mais uma vez o eixo da narrativa é o entrevistado. As expressões são explícitas: “minha iniciativa”, “minha mensagem”, “meu ideal”, “minha pregação”. No geral, os trabalhadores são apresentados como pessoas simples, desprovidas de meios e exploradas.

¹³ Um episódio que analisamos em trabalho anterior, a greve dos trabalhadores da companhia inglesa *Ceará Tramway Light and Power*, se tornou revelador do fato de que, na prática, a LCT era mais dinâmica e plural se observada “de baixo para cima”, ou seja, da perspectiva dos trabalhadores. (PARENTE, 2008). Ver especialmente o capítulo 03.

São também, por vezes, considerados receptáculos passivos das ideias do líder. Mas, em algumas ocasiões, a situação muda. Nos interstícios das narrativas, mesmo que em breves momentos, uma perspectiva diferenciada se abre.

Podemos citar quando Sombra recorda de alguns nomes, como Paulino Morais, que havia sido militante comunista. Nas palavras de Severino, o então jovem Paulino Morais “aos sábados imprimia um jornalzinho, ‘A Voz Operária’, e saía à noite, na calada da noite, saía jogando exemplares deste jornalzinho debaixo das portas daquelas principais figuras do operariado cearense”. Na sua fala transparece grande orgulho ao ter conseguido a adesão de Morais ao movimento legionário. Sombra destaca as qualidades desse jovem operário, “um rapaz realmente de um caráter, (...) de uma generosidade de espírito extraordinária”. Faz menção ao seu grande êxito dentro da LCT: “transformou-se num grande orador, os discursos dele eram realmente arrebatadores, coberto de palmas, ele despertava um entusiasmo extraordinário, também com a sua convicção, com sua honestidade”.

Outra lembrança interessante se refere aos trabalhadores do porto:

Realmente eu não podia entender, (...), conhecer bem o trabalho marítimo, como se processava o trabalho marítimo. O que é que cada um daqueles homens com suas diferentes categorias, cada um deles exercia, como é que essas categorias dos trabalhadores marítimos se entrosava. Então eu passei noites e noites na praia nas sedes dessas duas associações, aprendendo como era o trabalho marítimo, como é que eles se processavam, como é que eles faziam, a terminologia usada, inclusive, não só termos técnicos, mas termos da gíria marítima local. Então aprendi tudo isso.

Essa recordação é extremamente significativa. O movimento do porto é algo central para uma cidade cuja economia está atrelada ao comércio de exportação e importação. As diversas categorias que trabalham no porto possuem uma importância organizativa de destaque. Isso fica visível nas memórias de ambos os líderes da LCT. Sombra, em suas recordações, nos mostra uma situação ligeiramente diferente do que até então era a tônica de sua fala: ele precisou se inteirar da vida daqueles homens, precisou aprender seu vocabulário, descobrir como efetivamente funcionava o porto do ponto de vista de seus trabalhadores. Suas recordações nos levam a pensar nas várias associações ligadas ao porto¹⁴ e na cultura de ofício desenvolvida pelos trabalhadores.

¹⁴ Basicamente operavam três associações: a *Deus e Mar* (fundada em 1912), a *União Marítima* (fundada em 1928) e o *Sindicato dos Trabalhadores do Porto* (fundado em 1921). A *União Marítima* surgiu como resultado de uma cisão dentro da *Deus e Mar*, em 1928. No ano de 1932, por intermédio da LCT, as duas são unificadas, tornando-se *Deus e União*.

Motta, em suas recordações, cita de relance a multiplicidade de categorias dentro da LCT: “havia sindicatos, sindicatos de sapateiros, sindicatos de padeiros, dos homens do mar lá do porto. Mas havia inúmeras sociedades de caráter simplesmente *solidarista*”. Em primeiro lugar, é muito significativo que Jeovah cite justamente essas três categorias (sapateiros, padeiros e portuários). Foram justamente os grupos mais combativos na época de sua liderança, sendo os que levaram adiante greves, enfrentando os patrões. Com certeza por isso estão presentes nas reminiscências de Motta, mesmo que ele não se dê conta disso de forma explícita e consciente. Em segundo lugar, observamos certa condescendência (também perceptível na fala de Sombra que citamos anteriormente) em se tratando das sociedades adjetivadas como de característica “solidarista”. O termo vago se refere, mesmo que falte precisão, às associações mutualistas e beneficentes, que durante muito tempo conviveram com os sindicatos e agregavam significativo número de sócios.

Outra pista muito significativa surge na fala de Jeovah ao mencionar o caso dos sapateiros. Segundo ele, a diretoria do sindicato costumava mencionar um relativo “desinteresse pela vida sindical” por parte do conjunto da categoria. Mas uma mudança aconteceu e o “sindicato cresceu muito e desenvolveu-se” quando foi posto em pauta “o programa por aumento de salário”. As palavras com as quais ele procura dar vida e concretude a esse momento, rememorando o que teria dito naquela época, são relevantes: “Não chame os sapateiros aqui para ouvir doutrinação sobre sindicalismo; traga os sapateiros aqui para encaminhar o problema dos salários”. Se as palavras não foram exatamente essas pouco importa. De fato, a greve dos sapateiros foi expressiva e alcançou bons resultados.¹⁵ A forma como Jeovah Motta se recorda desse episódio revela que devemos ser cautelosos ao tratar do relacionamento entre os trabalhadores, os sindicatos e a LCT. Os trabalhadores não estavam sempre afinados com as ideias, projetos e visão de mundo das lideranças; eles possuíam interesses próprios, não sendo uma massa amorfa e/ou passiva mobilizável somente por ideias vindas de fora.¹⁶ Os trabalhadores participavam da associação e da vida legionária,

¹⁵ Mais do que salários, os sapateiros pretendiam estabelecer toda uma tabela de preços para o trabalho nas oficinas, definindo não só valores, mas as condições do exercício da profissão.

¹⁶ Nem tudo que as lideranças pensaram e divulgaram era, necessariamente, “assimilado” tal e qual pelas bases. Sempre eram possíveis releituras, reinterpretações e seleções do que se ouvia e do que era lido. Um caminho mais interessante, em uma investigação sobre a participação dos trabalhadores dentro da LCT, é pensar em termos de *circularidade cultural* (GINZBURG, 1987) para dar conta desse processo. Em outras palavras: os trabalhadores não são receptáculos passivos das elaborações de outros, mas são capazes de formular ideias próprias. Se alargarmos nossa visão para além dos textos programáticos e narrativas dos líderes e observarmos a

dependendo das circunstâncias e da disposição da chefia legionária em levar adiante uma luta conforme as necessidades e questões significativas para a categoria. Tais considerações são válidas, creio, para todos os grupos de trabalhadores.

Muito destaque foi dado para os dois primeiros líderes da LCT, mas existiam diversos sujeitos que se dedicaram, pelo menos durante um tempo, para manter e levar adiante as atividades da Legião. Severino lembra, principalmente, das figuras de maior destaque, e os mais conhecidos, como Motta, Pe. Helder Câmara e Waldemar Falcão. Notável exceção é Paulino Moraes, como vimos. Jeovah cita que foram muitos os “homens pitorescos” que militaram naquela altura. Entre os nomes que afloram na sua memória estão Vital Félix, “líder do pessoal do porto, (...) o núcleo mais organizado”; Manuel Nobre, ligado ao setor de construção e atuante nas “sociedades solidarísticas”; Manuel dos Santos, tipógrafo e também atuante no Sindicato dos Gráficos. Embora Jeovah não se recorde (ou simplesmente não mencione), Manuel dos Santos seria eleito como novo líder da LCT após sua saída e Vital Félix seria o quinto e último líder da Legião, antes do seu fechamento, na decretação do Estado Novo. Ainda carecemos de muitas investigações sobre estes homens que dificilmente aparecem nas pesquisas – que privilegiam militantes de esquerda, como anarquistas e comunistas, e que tiveram uma atividade editorial mais intensa, especialmente na imprensa operária. No geral, estes homens estavam muito mais ligados ao cotidiano das associações e raramente escreviam textos para a imprensa, mas tiveram papel fundamental na configuração sindical da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial...*¹⁷

O uso da história oral como metodologia de pesquisa se mostra bastante produtivo. Ao longo do presente texto tentamos apontar alguns caminhos possíveis a partir das entrevistas de Severino Sombra e de Jeovah Motta. Sinteticamente demos atenção aos seguintes aspectos e eixos de pesquisa “em potencial”:

LCT em sua dinâmica ao longo do tempo, percebemos que ela foi, também, influenciada e até direcionada, em alguns momentos, pelos trabalhadores.

¹⁷ (PORTELLI, 1997, p. 17)

1. A elaboração da memória feita pelos entrevistados, o que abre um flanco de pesquisa relevante;
2. A possibilidade de trabalhar com a biografia dos dois indivíduos;
3. As múltiplas visões sobre o Integralismo;
4. A Legião Cearense do Trabalho e a atuação dos trabalhadores.

Sempre é bom repetir, mesmo com o risco de parecer redundante, que tais temas se misturam no momento da pesquisa, o que não impede que um deles seja o eixo central da investigação. Também parece válido retomar algumas reflexões.

Em qualquer situação, nas opções citadas acima ou em outras, o uso das fontes orais levanta a questão da memória elaborada pelos entrevistados. Um caminho promissor seria comparar as narrativas cedidas por Sombra e Motta para pesquisadores diferentes e colhidas em ocasiões diversas. Essa estratégia, com “entrevistas sucessivas”, se torna reveladora tanto das variações quando da repetição de um “núcleo”, um “fio condutor” (POLLAK, 1989, p. 13).

Para o caso da opção pela biografia, Emília Carnevalli (2006) e, principalmente, Wendell Guedes (2016) já estão trilhando essa questão com bons resultados. Como alertou Fábio Bertonha (2016), que já fizemos menção, o interessado na história do integralismo pode aproveitar o material disponível no *Memorial Severino Sombra*, em Vassouras, bem como as entrevistas. Cumpre repetir a precaução necessária na crítica dos depoimentos: as narrativas podem ser sedutoras e o pesquisador pode, eventualmente, ser capturado na visão desejada pelo entrevistado. É sempre importante cotejar as falas com outras fontes. O mesmo se aplica aos arquivos pessoais, que podem envolver o pesquisador em seus “feitiços” (GOMES, 1998).

No caso dos pesquisadores debruçados sobre a história dos trabalhadores, o que é o nosso caso, as entrevistas podem ser uma das fontes possíveis, desde que problematizadas de forma cuidadosa. Como tentamos demonstrar, se trata da visão das antigas lideranças, que, no geral, estão realçando a própria atuação, o que é perfeitamente compreensível. Um traço comum e implícito nas pesquisas já realizadas parece ser a aceitação de que os trabalhadores abraçaram totalmente as ideias e os projetos das lideranças, o que precisa ser questionado e reconsiderado.

Fizemos somente uma incursão preliminar nos relatos orais de duas figuras interessantes no cenário político e sindical cearense nos anos 1930. Efetuamos um pequeno

recorte entre outros. Não esgotamos sequer a reflexão sobre as linhas de leitura selecionadas. Muito mais poderia ser dito sobre os breves temas aqui elencados e outros tantos temas e conexões podem ser levantados a partir da observação atenta do material. Esperamos que as problemáticas selecionadas possam não só apresentar utilidade para outros pesquisadores, estimulando o debate, mas que também sejam um incentivo para futuras investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (coord.) **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 11, nº 21, 1998.

BERTONHA, João Fábio. **O Integralismo e sua história: memória, fontes, historiografia**. Salvador: Editora Pontocom, 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARNEVALLI, Emília. **O homem no espelho: reflexões sobre a dissidência integralista de Severino Sombra**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Política) – Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), São Paulo.

CORDEIRO JR. Raimundo Barroso. **A Legião do Trabalho: política e imaginário no Integralismo cearense**. 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Angela de Castro. (Coord.) FLAKSMAN, Dora. STOTZ, Eduardo. **Velhos Militantes: depoimentos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 11, nº 21, 1998.

LEJEUNE, Philippe. O guarda-memória. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 10, nº 19, 1997.

LOPES, Raimundo Helio. **Os Batalhões Provisórios: legitimação, mobilização e alistamento para uma guerra nacional (Ceará, 1932)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza.

MELLO, Willian. A Legião Cearense do Trabalho, o Integralismo e os trabalhadores cearenses (1931 – 1937): apontamentos para um debate. In: _____. (org.) **Legionários, “galinhas-verdes” e a política no Ceará (1929 -1940)**. Fortaleza: EdUECE, 2016.

MONTENEGRO, João Alfredo. **O Integralismo no Ceará**: variações ideológicas. Fortaleza: IOCE, 1986.

PARENTE, Eduardo Oliveira. **Operários em movimento**: a trajetória de luta dos trabalhadores da Ceará Light (1917 – 1932). 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza.

PARENTE, Josênio. **Anauê**: os camisas-verdes no poder. Fortaleza: EUFC, 1999.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 02, nº 03, 1989.

PONTE, Sebastião Rogério. Legião Cearense do Trabalho. In: SOUSA, Simone de. **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Revista Projeto História**. São Paulo, nº 15, abril de 1997.

PROCHASSON, Christophe. “Atenção: verdade!” Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 11, nº 21, 1998.

REGIS, João Rameres. **Integralismo e coronelismo**: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932 – 1937). 2008. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

_____. Integralistas e legionários na política cearense no pós-1930. In: MELLO, Willian. (org.) **Legionários, “galinhas-verdes” e a política no Ceará (1929 -1940)**. Fortaleza: EdUECE, 2016.

SILVA, Wendell Guedes. O catolicismo e a ‘Sombra’ do Conservadorismo: os chefes da Legião Cearense do Trabalho (LCT) em perspectiva. In: MELLO, Willian. (org.) **Legionários, “galinhas-verdes” e a política no Ceará (1929 -1940)**. Fortaleza: EdUECE, 2016.

TRINDADE, Héliogio. **Integralismo** (o fascismo brasileiro na década de 30). 2ª ed. São Paulo, DIFEL, 1979.

Artigo recebido em agosto de 2017. Aprovado em fevereiro de 2018